



O Lugar do Analista e o Ato Analítico: um estudo de caso

Raissa de Oliveira Moura ¹

Suely Pereira de Faria ²

Resumo

Este estudo objetivou apresentar a articulação da associação livre e transferência em efeito no ato analítico na clínica psicanalítica. O trabalho busca compreender o conjunto de elementos existentes no tratamento de ensaio e que suscita o lugar de analista a partir da teoria freudiana. De Freud à Lacan, o lugar do analista se apresenta como um elemento de fundamental importância no percurso de uma análise. O referencial teórico foi feito através da pesquisa bibliográfica nos textos freudianos que permitiu maior entendimento sobre o estudo de caso clínico supervisionado. O ato analítico é instaurado como um corte afim de surtir efeito de transformação, conduta necessária que demarca o processo analítico.

Palavras-chave: Associação Livre; Transferência; Ato Analítico.

Abstract

This study aimed to present the articulation of free association and transference in effect in the analytical act in the psychoanalytic clinic. The work seeks to understand the set of elements existing in the treatment of essay and that raises the place of analyst from the Freudian theory. From Freud to Lacan, the place of the analyst it is presented as an element of fundamental importance in the course of an analysis. The theoretical framework was made through bibliographical research in Freudian texts that allowed greater understanding about the supervised clinical case study. The analytical act is established as a cut in order to have a transformation effect, a necessary conduct that demarcates the analytical process.

Keywords: Free association; Transfer; Analytical Act.

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). E-mail: raissa2539@gmail.com

² Psicóloga e Psicanalista. Doutoranda do Programa de Doutorado em Psicologia da PUC-GO. Docente do Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). E-mail: spf.psi@gmail.com

O presente artigo refere-se a um estudo de caso clínico, com desfrutar do método psicanalítico a fim de observar e compreender o conjunto de elementos existentes no tratamento de ensaio e que suscita o lugar de analista para enfim se autorizar o ato analítico.

Desde o início da psicanálise com o precursor Freud, o tratamento de ensaio se instaurou como uma prática de cunho importante para se ocupar do lugar de analista, pois devido a esse primeiro contato entre

analisante e analista se dá a abertura ou não para o ato analítico.

Freud (1913/2006b) menciona sobre a mecanização de técnicas e que devido a diversidade das constelações psíquicas, teremos procedimentos que podem ou não surtir efeito, mas que essas circunstâncias não impedem que seja estabelecido uma conduta adequada à um determinado objetivo e como um meio de poupar o sujeito de uma cura fracassada. O autor nomeia de ensaio preliminar a sondagem realizada para conhecer



o caso, por meio da escuta do analista, através do diálogo e de perguntas, permitindo um espaço para a narrativa do sujeito, lembrando-se que esse sujeito é livre para conduzir a sua fala o que caracteriza o início da análise.

Segundo Pimenta (2014) o jogo de xadrez é utilizado como uma metáfora para exemplificar como seria um setting terapêutico em que o analista e o analisante agem como enxadristas, no qual cada jogador movimenta suas peças, conforme a jogada que não se sabe previamente, mas que a ação regida tanto no xadrez quanto nas técnicas psicanalíticas é seguida por regras que fundamentam os princípios práticos destes fazeres. Associando as diretrizes do jogo, podemos supor o inconsciente como o tabuleiro de xadrez, no qual se tem vez a partir do momento em que suas peças são movimentadas de maneira continuada, não se pode retomar a posição anterior. Entretanto, um fazer analítico não possui uma lógica simples como a do jogo, as representações do tabuleiro não são fixas e suas movimentações se dão por via pulsional.

Neste primeiro encontro, retomando o jogo de xadrez o sujeito que procura a análise assumiria o papel do enxadrista que inicia o jogo. Sendo assim, o analista precisa compreender os caminhos escolhidos, escutando, suportando o silêncio sem nenhum julgamento prévio, seguindo por via transferencial. Freud (1913/2006b, p. 169) solicitaria “complacência bastante para respeitar as condições necessárias da análise” o que nomeia de associação livre, desse modo, não se deve intervir e nem esperar uma fala estruturada, mas permitir e assegurar que ela ocorra de maneira livre e contínua.

Compreendemos por associação livre, a regra fundamental que rege a psicanálise, que Freud assegurou ser uma das vias de acesso ao inconsciente. É chamada de regra por atribuir-se um empenho assumido pelo analisando em transmitir ao analista tudo que vier em mente, mesmo que não veja relevância. Portanto o material desconhecido vem por meio dessa

fala, que permite um fazer interventivo pelo analista.

Diga, pois, tudo que lhe passa pela mente. Comporte-se como faria, por exemplo, um passageiro sentado no trem ao lado da janela que descreve para seu vizinho de passeio como cambia a paisagem em sua vista. Por último, nunca se esqueça que prometeu sinceridade absoluta, e nunca omite algo alegando que, por algum motivo, você ache desagradável comunicá-lo. (Freud, 1913/2006b, p. 136)

A livre associação se vê implicada na transferência, na qual de acordo com Freud (1915/2006d) é um vínculo que envolve o analisando ao analista. O trabalho psíquico pela associação livre, coloca analisando e analista em uma relação fantasiosamente assimétrica, em que o analista se configura como um objeto de investimento libidinal, ou seja, o analisante na busca de objetos para colher as mobilizações intrapsíquicas, demonstra sentimentos que são direcionados a figura do analista, existindo a chamada relação transferencial.

Assim como o analista se depara com questões envolvendo domínios conscientes e inconscientes no processo de análise, o analisando também se esbarra com esses impasses. Netto (2011) comenta que quando se nota condições do progresso em análise, tendo em vista a transferência, possibilita que a livre associação tenda a fluidez, agindo de modo que o material mnêmico se amplie no decorrer das sessões. Com base nisso, afirma Freud (1916/1996, p. 442), “[...] um dia, nuvens aparecem, [...] surgem dificuldades no tratamento; o analisando então tende a não acatar as instruções de livre associação e age distante ao tratamento, mesmo que algo aparenta estar o incomodando não é direcionado a figura do analista, tal fenômeno é nomeado por Freud, como resistência.

Mas o fato é que a analisanda sempre resiste na percepção de Netto (2011), e seria essa resistência que propicia o manejo da transferência em prol do processo analítico.





Desse modo caso o analista não esteja ouvindo as resistências ele não está levando em consideração que o inconsciente está agindo no retorno do recalcado. Freud (1912/2006a, p.119) “[...]assim que entra sob o domínio de qualquer resistência transferencial considerável [...] se sente então em liberdade de desprezar a regra fundamental da psicanálise, que estabelece que tudo que lhe venha à cabeça deve ser comunicado sem crítica [...]”.

Essa tensão aponta as mobilizações intrapsíquicas e a emergência de material recalcado, que constitui terreno fértil para o processo de análise. Utilizando a metáfora do tabuleiro de xadrez, o analisando se refugia ante a convocação para o trabalho de análise, e o analista é convocado para em ato colocar em descoberto a existência de forças contrárias a manifestação do inconsciente, tendo como desfecho a experiência de desprazer.

Lacan (1959) [...] Em uma releitura da função do analista, apresenta no seminário 6: “(...) a manutenção de um artifício que faz parte de toda a regra analítica [...]. O essencial da análise dessa situação em que nos encontramos é ser o analista aquele que se oferece como suporte para todas as demandas e que não responde a nenhuma” (lição 27, de 01/07/1959).

De Freud à Lacan, o lugar do analista se apresenta como um elemento de fundamental importância no percurso de uma análise. Seja o tratamento de ensaio, como Freud (1913/2006b) intitulou, sejam as entrevistas preliminares como trazido nos ensinamentos de Lacan ([1955-1956] 1998). Ao analista pelo viés da transferência, é possível a pergunta sobre o desejo do analisante, desejo de análise e do desejo do analista.

Quinet (2009), comenta que é o tempo de diagnóstico, que bem entendido, em referência a estrutura do sujeito, que diferencia entrevistas preliminares da análise em si. Com base nisso, ele propôs duas subdivisões de tempo para as entrevistas preliminares: um tempo de compreender e um momento de

concluir, no qual se dá o ato analítico. Quanto as entrevistas preliminares destacam que não está em questão se o sujeito é analisável, se tem um eu forte ou fraco para suportar as agruras do processo analítico. A analisabilidade é função do sintoma e não do sujeito: “a analisabilidade do sintoma não é um atributo ou qualificativo deste, como algo que lhe seria próprio: ela deve ser buscada para que a análise se inicie, transformando o sintoma do qual o sujeito se queixa em sintoma analítico” (p.18). A demanda de análise é correlata à elaboração do sintoma enquanto “sintoma analítico”.

Antes do começo da análise o sintoma é tido como algo sem uma representação para o sujeito, que se transforma em um divisor ao ser endereçado ao analista, transitando para um sintoma analítico. A noção de sintoma analítico está relacionada a ideia que o analisando repete os seus conflitos infantis no tratamento endereçando-os ao seu analista, sendo uma importante reedição da sua neurose infantil (Freud, 1912/2006a).

Segundo Maurano (2010), as vias de tratamento, se estendem por uma possibilidade de intervenção a partir de uma investigação nas entrevistas iniciais, aliado ao manejo da transferência que não deve ser introduzida, mas sim instigada ao amor. Ela complementa que, nessa investigação só é possível a compreensão de analisabilidade do sintoma quando há um questionamento envolvido ao saber inconsciente e endereçado ao suposto saber do analista.

Sublinhamos a importância desse vínculo amoroso, de como esse sujeito precisa estar em transferência, para que o analista consiga reconhecer e proceder frente ao sintoma analítico. Podemos compreender esse manejo a partir de Freud (1912/2006a), onde trata esses impulsos libidinais, cuja ânsia de amor não é preenchida pela realidade, sendo assim o destina a novos objetos, constituindo uma relação afetuosa do analisante para com seu analista. A partir desse vínculo, o sintoma é endereçado ao analista fazendo-se sintoma analítico.





Quando um sujeito busca a análise a pergunta que ele endereça ao analista é: o que faço para ser feliz? Sendo que o analista não tem essa resposta, ninguém a tem, por isso ele devolve uma pergunta: mas o que te deixa feliz? O analisando pensa por muito tempo que o psicanalista sabe e isto é fundamental para a permanência na análise. Desse modo, compreendemos que o sujeito suposto saber pode ser interpretado numa abordagem que situa a suposição tanto do lado do sujeito, quando do lado do analista. Dias (2008), complementa que essa ausência de saber se estende para analisante e analista, mas para que um engajamento analítico seja pertinente, ele precisa acreditar em um saber sobre seu sintoma, para que seja trabalhado e elucidado em análise.

Só é realizável falar em ato analítico, pela entrada em análise que se dá tanto da parte do analisante quanto a do analista, pela transferência. De acordo com Dias (2008) o ato na perspectiva do analisante já seria marcado pela busca de um analista e por parte do analista se daria na articulação dos elementos analíticos associação livre – transferência no setting analítico permitindo ao analista o ato analítico. É importante destacar que a associação livre implica ao analisante ausentar-se do seu saber por suposição em alcançar o alívio para seu sofrimento, e a entrada em análise, é resultado do ato analítico (Simões, 2013).

O que seria então ato analítico?! Ato que detém a associação livre, de maneira que o sujeito em análise não fique imóvel no tempo da compreensão, ou seja, tal dinâmica permite que o analisante prossiga na direção de uma conclusão para então ter efeito no real (Vale e Castro, 2013). Em se tratando dessa atemporalidade, a do inconsciente, o tratamento psicanalítico, tanto para Freud quanto para Lacan, o que se pauta seria uma possibilidade de se instaurar corte analítico, o ato analítico, conceito formulado por Lacan (Vale e Castro, 2013).

Complementando, Vale e Castro (2013, p. 445) apontam que esse corte, coloca o sujeito para avaliar sobre o porquê da interrupção antes do tempo previsto de sessão. Tal corte dispõe de várias funções que segundo os autores seriam, “[...]como pontuar o discurso do sujeito, apontar um significante, abalar o modo de funcionamento e/ou o sentido, além de barrar a transferência erótica. Se o ato analítico envolve o corte, todavia, nem todo corte teria valor de ato para o sujeito[...]” se tratando do corte ele tem efeito de desestabilizar a estrutura imaginária e simbólica do sujeito, a fim de demarcar o processo analítico que confina um antes e depois.

O objetivo desse artigo foi compreender como a articulação associação livre e transferência possibilitaram a construção do lugar do analista, viabilizando a passagem do tratamento de ensaio ao ato analítico.

Método

O vigente trabalho refere-se a uma pesquisa clínico – qualitativa com usufruto do método psicanalítico. Pinto (2004, p.74), diz “[...]Assim, considera-se que a pesquisa qualitativa em psicologia clínica realiza uma ciência de viabilidade, pois não pretende uma verificação direta dos resultados e conclusões mas visa explicar, apontar para um sentido da realidade, do fenômeno ou do processo estudado[...]”, ou seja, a epistemologia estudada parte do princípio da não neutralidade, visto que no transcorrer do trabalho se obteve de fluências diretas e indiretas, conscientes e inconscientes do pesquisador na própria ciência produzida. Desse modo, foi estudado os elementos constituintes que percorre as entrevistas iniciais ao ato analítico que envolve toda dinâmica implicada nos atendimentos.

Participantes





A participante do estudo de caso se chama Anna (nome fictício) sexo feminino, 26 anos, solteira, trabalha como vendedora. A analisanda buscou o atendimento psicológico no Núcleo de estágio, devido aos obstáculos vivenciados em seu relacionamento afetivo e no trabalho consequência de sua conduta na qual se nomeou de egoísta e individualista.

Local

Os atendimentos foram realizados no Núcleo de Estudo, Pesquisa e Prática Psicológica (NEP) do Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA).

Instrumentos e materiais

Os atendimentos ocorreram em um consultório da clínica-escola mobiliado com uma cadeira, uma poltrona e um divã, ar-condicionado e uma mesa (aparador). Além das técnicas psicanalíticas de associação livre e a escuta flutuante embasada na teoria freudiana, e um diário de sessão para registrar as informações importantes ditas pela analisanda e transcritas após o fim dos atendimentos.

Procedimentos

A analisanda havia passado pelo processo de triagem no qual se apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em que foi lido e assinado pela analisanda. No processo de triagem, realizou-se uma primeira avaliação e a partir da queixa apresentada pela analisanda, foi feito o seu encaminhamento para análise.

Nosso primeiro contato ocorreu por ligação, em que foi agendado o dia e horário da primeira sessão. Nesse primeiro encontro, foi estabelecido o contrato terapêutico partindo do objetivo da entrevista preliminar. As sessões tiveram aproximadamente de 40 a 50 minutos. Os encontros ocorreram uma vez por semana, sendo que até o prezado momento obtivemos dezesseis sessões e seis faltas justificadas

dentro do prazo de dois semestres. Com o intuito de proteger a identidade da analisanda, todos os nomes apresentados no trabalho são fictícios. As frases em aspas referem-se as falas da analisanda.

Resultado e Discussão

A fim de responder os objetivos propostos neste estudo de caso, serão expostos fragmentos das sessões com as principais pontuações e interpretações da analisanda juntamente com a discussão.

1º a 3º Sessão

Nesse primeiro encontro, Anna (nome fictício), traz demasiados conteúdos que geram angústias e desamparo, apresentando muitas falas cadenciadas sobre sua história. Manifestando intensas mobilizações inconscientes, se dirigindo ao analista:

“Sou muito individualista, ignorante.”

“Sinto falta de ter amigos.”

“Ninguém gosta de mim.”

“Sempre fiz tudo sozinha, desde muito pequena, nunca tive cuidados materno e paterno.

“Casei aos 12 anos e minha mãe não me impediu.”

Com as entrevistas iniciais, a analista permanece mais silenciosa sustentando Anna com suas perguntas que visou estimular a associação livre. A posição da analista atuou de modo que assegurasse o lugar de fala da analisanda, além de ter prestado uma escuta ativa de modo a acolher o sofrimento relatado, condições necessárias para o início do tratamento de ensaio, conforme assegura Freud (1913/2006a).

Em nosso encontro seguinte, Anna chega em sessão demonstrando irritação com seu atual namorado, vamos chamá-lo de Vinicius (nome fictício). Relatando não achar coerente ele se manter online nas redes sociais e não falar com ela, referindo que ele a trai. Nessa sessão o enfoque foi o desamparo: “não gosto de me sentir sozinha, desde a separação do meu ex marido, nunca estive solteira”.





Os assuntos iniciados por ela em sessão, são carregados de detalhes, exigindo por parte do analista que se desprendesse de seus domínios conscientes e inconscientes denominado por Freud de atenção flutuante (Freud, 1912/2006a). Na terceira sessão Anna volta a falar sobre brigas com Vinicius, e que sua grande angústia é o fato dele não assumir a relação, ao questionar o que seria o assumir, a mesma diz que gostaria que eles usassem alianças e que ele expusesse estar em um relacionamento sério nas redes sociais.

Também relata que Vinicius a expôs de maneira negativa para um casal de amigos, dizendo que ela é enjoada. “Não sei por que ele suja a minha imagem? por isso eu não gosto de ir a lugar nenhum, pois já sei que não gostam de mim”.

Anna em seus relatos demonstra estar sempre em desconfiança, se nomeando como uma pessoa difícil de lidar e por isso ninguém gosta dela, o que em primeiro momento se põe em dúvida o vínculo transferencial. Mas o que se nota são falas excitatórias carregadas de conteúdo, podendo supor uma ação; se possui ação da resistência, podemos considerar um agir do inconsciente, logo tal ação possibilita o manejo da transferência em prol do percorrer do processo analítico (Netto, 2011).

4º a 6º Sessão

Anna, faltou ao nosso quarto encontro justificando apenas no outro dia por meio de ligação que estava em observação com quadro de dengue.

Na semana seguinte Anna compareceu à sessão, iniciou relatando como começou a se sentir mal, disse que estava fazendo um propósito e para isso era necessário jejum, sentiu dores no corpo e febre em uma tentativa de justificar o caso ela diz: “juntou tudo, por eu não estar comendo e minhas chateações com o Vinicius, brigamos novamente” em dado momento da sessão Anna relata: “Sabe eu acho que o que me faz ainda ficar com o Vinicius é a mãe e o filho dele”. Ela complementa que a sua sogra faz todas as suas vontades e o quanto ela já a ajudou de

diferentes maneiras e que a sua mãe é totalmente o oposto, justificando o abandono da mãe devido seu quadro clínico. Ainda falando da sogra: “eu teria gratidão eterna por uma mãe assim”.

No contexto dessas falas, notamos que Anna remete mais confiança a figura da analista ao trazer angústias sobre a ausência dessa mãe e como essa ausência a machuca e se faz presente em seu contexto atual, onde o namorado se encontra ausente, suas amigas são ausentes, e ela se faz ausente ao se afastar das pessoas. Esse percurso de confiança fez com que o estabelecimento da transferência frente a resistência, permitindo que ela falasse, sobre as suas questões de maneira espontânea, tal ação se fez possível por viés da regra fundamental freudiana a associação livre, regra na qual assegura que a analisanda fale de maneira livre e continua (Freud (1915/2006).

Na sexta sessão Anna, chegou sorridente e ao comentar sobre sua afeição ela relatou estar conhecendo Lucas (nome fictício), mas que se sente insegura, pois tem receio em assumi-lo e acabar se arrependendo e perdendo alguma possibilidade de retorno com Vinicius e até mesmo o medo de perder essa mãe que eu sua fantasia é tão completa. Ao questioná-la sobre o papel da sogra nessa relação, ela se ampara dizendo que isso é errado, mas que no fundo sabe que a sogra a tem como filha e que o carinho entre elas prevaleceria mesmo com o rompimento.

Anna, ao se apresentar frente a outro relacionamento, demonstra dificuldade em lidar com esse vazio, o que aconteceria se ela se visse em frente apenas a sua própria companhia?! Bem, a postura do analista pede que ao ouvir os relatos tragos pelos seus analisantes, compreenda que a queixa inicial nunca deve ser adotada de imediato e sim posto em dúvida, pois o que trabalha em contexto analítico vem pela elaboração do sintoma (Quinet, 2009).

7º e 8º Sessões

Anna relata que está ajudando a sua sogra na organização de uma festa de





aniversário para o filho de Vinicius e o quanto essa situação a tem angustiada. Anna endereçou-me “você que está ouvindo meus problemas a algum tempo, o que você acha que eu devo fazer?”.

Nessa sessão por via da regra fundamental podemos pressupor que o vínculo transferencial foi estabelecido ao ponto de colocar-me no lugar de suposto saber, aquele que detém e sabe a causalidade da sua dor e sofrimento que então saberia a resposta. A regra fundamental da psicanálise atribui ao sujeito uma ausência do “eu penso” [...] “o Outro saberá a verdade daquilo que eu digo” (Vegh, 1989).

Anna comenta estar se sentindo mais confiante e que resolveu dar uma chance para Lucas e que sua história com o Vinicius ficou no passado. Mas ainda assim sente receios e diz “eu não sei o que é, mas sinto que as coisas do passado sempre voltam em meus relacionamentos”. Ao perguntar o que seria essas coisas, ela responde em tom agressivo dizendo, “eu não sei te dizer, não sei o que é”. Não só de sentimentos afáveis permeia a relação entre analista e analisante, sentimentos hostis também são demonstração da manifestação da transferência (Netto, 2011).

Anna da sequência dizendo que em seu primeiro relacionamento com Mauricio (com quem casou aos 12 anos) era diferente, eles tinham confiança, mas que por culpa dela eles não estão mais juntos, ao indagá-la sobre o sentimento de culpa ela diz que por descuido dela, por não ter feito papel de mulher ele a traiu. A fantasia do “e se” que permeia o imaginário de Anna em volta desse primeiro relacionamento, faz com que ela repita e sempre traga fragmentos desse relacionamento em sessões, aliviando a culpa eminente em busca do seu real desejo. O desejo da analisanda, apresenta-se atualizado durante o processo de análise onde ela repete cenas vivenciadas que partem de seu contexto, transferindo ao analista esses desejos (Freud, 1913/2006c).

9º a 15º Sessão

Após o período de férias da faculdade, no qual os atendimentos da clínica não aconteceram durante aproximadamente um mês, foi feito o contato da analista com Anna, confirmando o retorno aos atendimentos. Anna diz que não vê possibilidade de futuro em Lucas. Já com Vinicius mesmo que ele nunca tenha demonstrado atitudes de crescimento pessoal, a mãe dele poderia proporcionar essa segurança. A analisanda emprega a sua sogra novamente no cuidado que espera de uma mãe.

Nas sessões seguintes, Anna continua trazendo como assunto a sua ambivalência entre Lucas e Vinicius. Ao comentar sobre outras possibilidades Anna alegava a dificuldade por ter um ciclo de convivência pequeno. A partir de então, Anna entrou em um ciclo de faltas, como ir em uma semana e faltar a seguinte, e nas sessões em que comparecia, o assunto trazido era Lucas e Vinicius, fixando o olhar na analista esperando uma resposta. De modo a cessar e furar essa escuta, foi solicitado que ela se deitasse no divã, tal ação sugeriu o ato analítico, no qual após a ação, a análise percorreu um caminho diferente.

Adentrando mais sobre essa sessão, ao solicitar que Anna se deitasse no divã a mesma demonstrou tranquilidade e brincou com a situação. Ao deitar Anna começou a falar sobre a ambivalência entre Lucas e Vinicius, no momento de uma entre pausa, foi proposto pela analista uma reflexão no seguinte contexto “Anna, percebo que você se encontra em um mar no qual, possui um porto, um bote, um navio e uma praia, mas dentre essas possibilidades em se salvar, você se vê com apenas duas possibilidades, que seriam o Lucas e o Vinicius”. Anna fica em silêncio e entra em prantos e diz “me vejo em um círculo, como se minha vida não caminhasse para frente”. Foi uma sessão árdua de bastante choro, onde foi respeitado o momento de elaboração do qual a analisanda precisava.

A conduta em pedir que a analisanda deitasse no divã, e na entre pausa de sua fala, barrando a livre associação, sucedeu um corte





analítico, pois ao barrar a fixação do olhar no qual ela esperava uma resposta por parte da analista, Anna se deparou consigo mesma e sobressaiu a um estado estático e de simbiose, tal dinâmica permitiu que ela se integrasse sobre si (Vale e Castro, 2013).

Sessão seguinte a analisanda chegou dez minutos atrasada dizendo que quase esqueceu da sessão. Foi pedido que ela se deitasse no divã e questionada como foi esse “quase esqueceu da sessão” ela desvia o assunto e começa a relatar sobre um desentendimento que teve com a irmã em relação a sua sobrinha. A sobrinha de 13 anos diz se espelhar em Anna, e a mãe da adolescente irmã de Anna disse que “ela não é uma boa companhia”. Anna disse que se sentiu ofendida, pois é uma mulher “guerreira, batalhadora”. Ela comentou que sua sobrinha gosta das roupas, sapatos, e adereços que ela possui. Anna diz “o meu dinheiro é para comprar minhas, roupas, meus sapatos, eu tenho muita roupa e sapato, só uso perfume importado, eu tenho minha moto, eu quero que os outros me olhem e vejam o quanto eu sou batalhadora” e perguntando como ela se via, ela diz: “batalhadora, que sofreu muito na vida, mas que hoje está tendo outras oportunidades, que está melhorando a cada dia” então foi colocado a ela se a opinião dela sobre si não seria mais importante, Anna fica em silêncio e chora. A partir do ato da analista, inaugura-se uma mudança no contexto trago em análise por Anna, o que demonstra outro viés de possibilidades.

Considerações finais

O desenvolvimento deste estudo de caso, possibilitou compreender como os elementos analíticos associação livre e transferência se fizeram presentes no construto ato analítico. Essa experiência analítica só se fez possível, pois a analista assegurou que esses elementos se instaurassem durante as sessões. Mas para que tais elementos seguissem seu fluxo, exigiu por parte da

analista que se desprendesse de dominações conscientes e inconscientes, chamado de atenção flutuante e sustentasse o silêncio.

O engajamento analítico por parte da analisanda se instituiu, quando a regra fundamental freudiana a atribuiu uma ausência do “eu penso” e então empregou a analista o lugar de sujeito do suposto saber, que saberia sobre a causalidade do seu sintoma. Lugar que foi sustentado para compreensão do sintoma analítico de Anna.

Partindo desse lugar, a analista, realizou cortes analíticos a fim de intervir e analisar o efeito de transformação: “o que devo fazer?” indaga Anna, ao que a analista apresentou “o que você quer fazer?”. O uso do divã possibilitou que a analisanda não ficasse sob o olhar da analista auxiliando a livre associação, e desestabilizasse as estruturas simbólicas e imaginárias de Anna.

Se o ato analítico envolve um corte, no entanto nem todo o corte tem valor de ato, mas que tais condutas se fazem necessárias para demarcar o processo analítico. Após os cortes realizados, podemos presumir que ainda há um trabalho a se fazer com Anna, envolta em suas questões de angústia e desamparo, pelas quais se propôs dar continuidade a sua análise pessoal.

Referências

- Batista Pinto, E. (2004). *A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica*. Psicologia USP, 15(1-2), 71-80. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100012>. Acesso em 25 de novembro de 2019.
- Dias, M. G. L. V. (2008). Ato analítico e final de análise. *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(2), 401-408. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922008000200007>. Acesso em 10 de novembro de 2019.
- Freud, S. (2006). *A dinâmica da Transferência*. Em Edição Standard





- Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XII, pp. 59-66). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2006). *Sobre o Início do Tratamento* (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise I). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 70-85). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2006). *O inconsciente*. Obras completas, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2006). *Observação sobre o amor Transferencial* (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 98-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915.)
- Lacan, J. (1955-1956). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 537-590.
- Lacan, J (1958-1959). *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Inédito. Rio de Janeiro: Zahar
- Lacan, J. (1967-1968). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1972-1973/1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.
- Maurano, D. (2010). *Para que serve a psicanálise?* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Netto, M. V. R. F. *O Médico, O Analista e o Monstro*. *Psicanálise & Barroco* em revista v.9, n.1: 94-114, jul.2011.
- Pimenta, A. C. (2014). *O tempo em Freud. Estudos de Psicanálise*. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n41/n41a06.pdf>. Acesso em 25 de novembro de 2019.
- Quinet, A. (2009). *As 4+1 Condições da análise* (12ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Simões, R. B. S (2013). *Final de análise: possibilidades e impossibilidades e articulações na teoria psicanalítica* (monografia) Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, MG, Brasil.
- Vale, S. C., & Castro, J. E. (2013). *O tempo e o ato psicanalítico na direção do tratamento*. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v45n2/v45n2a12.pdf>. Acesso em 25 de novembro de 2019.
- Vegh, I. (1991). *A clínica freudiana* (1ª ed). São Paulo: Editora Escuta.